

INSTABILIDADE PÓS-MODERNA: EFEITOS DA NOTÍCIA FALSA NO PENSAMENTO CRÍTICO INFANTIL E CONSEQUÊNCIAS SÓCIO-JURÍDICAS.

Eduardo Medeiros Sampaio (IC) e Ana Cláudia Pompeu Torezan Andreucci (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

Resumo. Se o ser humano conquistou diferentes espaços, isso se deu através de sua capacidade de realizar juízos e de alterar as diferentes paisagens. Com a difusão do conhecimento obtido, surgiu cooperação entre as diferentes gerações, que puderam aprimorar a ciência humana sobre diversas questões. Porém, ao longo do tempo, com a busca de diversos indivíduos por respostas que satisfizessem às dúvidas alçadas pelo raciocínio crítico, evidenciou-se que muito do que fora tomado por conhecimento, era, na verdade, fundado em narrativas originadas na ignorância humana. Por meio de anos de prática de um desenvolvido método científico, houve a desconstrução de várias dessas narrativas. Mesmo assim, diversas ainda subsistem, dada a incessante necessidade de muitos indivíduos por narrativas que orientem a existência individual. Isso implica em dizer, que uma geração cujo desenvolvimento ocorra com fundamento em ilusões, não pode se emancipar de sua minoridade, sujeitando-se ao comando de narradores com poder de inventar narrativas, tenham eles objetivos pessoais ou não. Afinal de contas, entregar o poder de decisão para outrem, possibilita uma vida mais “cômoda”. Entretanto, na posse de falsas informações, constrói-se entendimento ilusório, capaz de acarretar eventos catastróficos. As notícias falsas, são uma forma de estimular compreensão ilusória e, até mesmo, promover controle social.

Palavras Chave: Dados. Narrativas. Delusão.

Abstract. If humans have conquered different spaces, it was through the capacity to make judgments and to change the different landscapes. Through dissemination of obtained knowledge, emerged a cooperation among different generations, which allowed humanity to improve its understanding over several matters. However, with the search of several individuals for answers to the doubts raised by the human critical thinking, it became evident that many stories that had been considered knowledge were actually narratives based on human ignorance. Even so, through many years of practice of a developed scientific method, several narratives were deconstructed. Yet, many still exist given to the crowd's necessity for narratives that are able to guide their individual existence. This implicates in a generation whose development occurs through lies and, therefore, in a generation that is unable to emancipate itself from its minority, becoming subjected to the command of narrators that may or may not have personal goals. After all, delivering the decision power to others enables a more "comfortable" life. Still, in possession of false information, a group of individual becomes

able to build an illusory understanding of reality, which is capable of causing catastrophic events. Fake News are the newest way to promote social control.

Keywords: Data. Narratives. Illusory.

1. INTRODUÇÃO.

Com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética decretou-se o fim da modernidade. Surge, como substituta, a pós-modernidade. Confiança nas instituições não mais existe. O indivíduo é detentor da responsabilidade de *ser*. “Agora, aqui, veja, é preciso correr o máximo que você puder para permanecer no mesmo lugar. Se quiser ir a algum outro lugar, deve correr pelo menos duas vezes mais depressa do que isso!” (CARROT apud BAUMAN, 2001:70). A liquidez com a qual se desenvolvem as relações interpessoais gera incerteza e, por conseguinte, medo nos indivíduos, que gastam todo o seu tempo administrando seu estado de existência, para manterem sua personalidade. Fonte de certeza são as informações dos eventos que, apesar de imprevisíveis, constituem fonte sólida ao indivíduo que deseja entender o que ocorre ao seu redor.

Graças a Revolução Técnico-Científica-Informacional, o acesso às informações tornou-se mais fácil, por intermédio da criação de inúmeros artifícios para compartilhamento de informações, sendo a Internet o grande expoente dessa revolução, visto que permite o acesso à informação de qualquer gênero e local. Assim, a informação, meio de socialização dos indivíduos – especialmente da atual juventude – tornou-se ferramenta de atualização e inserção no mundo pós-moderno, que promove grande corrida pela firmação social. Ao mesmo tempo, dada a grande demanda por informações, a oferta também aumentou, o que é compreensível. Entretanto, por conta da instabilidade que a modernidade líquida ocasionou, agravou-se antigos problemas: propaganda enganosa e inércia do pensamento.

Ocorre que, nos dias de hoje, vivencia-se um aumento exponencial de publicações de notícias falsas, levadas a sério pelo público, pois este experimenta os efeitos do medo pós-moderno, gerando o efeito da pós-verdade, em que se prioriza as crenças e emoções pessoais em detrimento dos fatos (verdade). Quando intolerantes, os indivíduos propagam falsas informações, para que o ódio que sentem seja transposto ao leitor, dissimulando a verdade. “Com a morte do discurso de autoridade, a afirmação de um parâmetro tornou-se um jogo em que sedução, publicidade e marketing desempenham papéis fundamentais, mas em constante movimento.” (LIPOVETSKY, 2000:8).

A indústria das notícias falsas é fruto dessa realidade, vez que não se diz a verdade, mas tenta-se vender uma perspectiva. Trágicas são as consequências, pois, aqueles que são expostos a esta realidade passam a ser afetados pelos efeitos desse mercado. Seu produto é a ilusão inserida nas mentes dos afetados, que passam a ter visão deturpada e incompleta da realidade. Para piorar, o sentimento da Geração Z de insegurança política e econômica, gerado pelas recessões ao redor do mundo, dão espaço à existência de notícias falsas e ao agravamento do efeito da pós-verdade. A questão Shakespeariana acerca da existência –

“ser ou não ser, eis a questão” – não mais é levada a sério, distanciando o ser da reflexão moral – impactando seu pensamento crítico.

No que tange à socialização dos jovens, as implicações podem afetar a forma como as relações interpessoais existem. Porque a criança e o adolescente se desenvolvem por meio das informações a que tem acesso, ambiente em que não exista confiabilidade quanto às informações afeta a compreensão destes a respeito do mundo. “Significa também inquietude com o futuro, com a saúde, angústia provocada pela insegurança e pelo desamparo. A existência cotidiana é mais complexa do que indicam os anúncios publicitários. E sabe-se disso.” (LIPOVETSKY, 2000:13). Para tanto, é necessário proteger os jovens de hoje desta realidade, parecendo o esclarecimento kantiano e a ação comunicativa habermasiana soluções fundamentais para o problema.

O presente artigo propõe análise do impacto das notícias falsas e da pós-verdade no desenvolvimento do pensamento crítico da criança e do adolescente expostos à pós-modernidade. O objetivo, é promover debate acerca dos efeitos sobre o pensamento crítico e o desenvolvimento moral destes, além da ineficácia da Lei 12.965/14 quanto à atribuição e garantia de direitos e deveres aos usuários, abordando a importância da liberdade de expressão e dos direitos fundamentais, contextualizados à época, fortalecendo as conquistas obtidas por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente. É fundamental que legislação digital tenha como um dos pilares os princípios do Estatuto, vez que são núcleo da proteção da criança e adolescente.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. Pós-Modernidade.

Ao longo da existência humana, diferentes comunidades globais foram assoladas com enfermidades características. Se em tempos passados vivia-se em época marcada por crises gripais, o século XX, por seu turno, foi a época imunológica. “Imunológica”, não por conta da descoberta de antibióticos, mas porque discursos nacionalistas e fascistas elevaram a ira humana de “paixão” para fundamento constituinte dos Estados. Tomados pelo desejo de vingança, indivíduos desse período defendiam o autoritarismo como meio de estabilizar as relações interpessoais, dividindo a sociedade na qual viviam em pertencentes e intrusos, iguais e estranhos, amigos e inimigos, os que devem viver e os que devem ser exterminados. Tendo, todavia, atingido o extremo da escassez aristotélica, o indivíduo negativista viu suas obras voltarem-se contra si: após o advento da Segunda Guerra Mundial e da quase aniquilação da espécie humana durante a Guerra Fria, não havia alternativa senão romper a realidade social.

Por isso, decretou-se a falência da modernidade sólida, fluidificando-se as relações e sujeitando o mundo a vivenciar aceleradas transformações sociais. Os indivíduos, começaram a sacrificar ainda mais o próprio tempo à transformação de sua constituição interna, adaptando-a às mudanças que ocorrem no meio externo. Dessa maneira, com a impossibilidade de se formar personalidade duradoura, o sentimento de instabilidade invade tanto a esfera privada quanto a pública. As pessoas, buscando fugir da caótica instantaneidade, começaram a buscar, cada vez mais no exterior, material para construção da personalidade – na medida em que o desequilíbrio tomava espaço no convívio social. Afinal, “no século XXI dificilmente você pode se permitir ter estabilidade. Se tentar se agarrar a alguma identidade, algum emprego ou alguma visão de mundo estáveis, estará se arriscando a ser deixado para trás quando o mundo passar voando por você.” (HARARI, 2018: 326).

Além disso, apesar da grande liberalização das relações, a liberdade proposta ao sujeito não é a de viver através de suas próprias escolhas, mas de adquirir de acordo com seu poder de compra, limitando sua vontade a este. As propagandas direcionadas aos consumidores, passam a ser enviadas ainda mais carregadas de significados e ideologias que marcam os produtos, fornecendo ao indivíduo meio de materializar sua personalidade. O resultado, entretanto, não é a construção de uma personalidade própria, mas sim de uma máscara, isto é, um indivíduo a ser consumido pelo mundo pós-moderno. Se a descoberta da própria personalidade provém de processo de introspecção, esta é dificultada pelos efeitos da pós-modernidade. Consumindo o produto, o indivíduo passa a consumir a ideologia exposta pelo fabricante, unindo-se consumidor e objeto consumido, tornando o comprar na forma de preparar uma aparência a ser vista pelo mundo exterior. Inevitavelmente, o “ter” torna-se sinônimo de “ser”.

Nesse contexto, qualquer confrontação ao modo de vida dos indivíduos gera instabilidade, pois a máscara é removida e exposto o ser escondido. Agora, a ira não advém da repulsa ao diferente, mas da incapacidade do sujeito de lidar com a realidade instável. Assim, na busca por rota de fuga quanto à realidade, os vínculos tornam-se mercantis, subsistindo a união dos indivíduos enquanto realizarem trocas entre si. Quando a mercadoria – seja ela um valor, prazer ou objeto – não é a desejada, recusa-se o produto, rompendo-se a relação se necessário: se já não existe estabilidade nas relações sociais, também não há segurança quanto ao sentimento de pertencimento social.

2.2. A Era da Informação.

Verificamos, portanto, radical transformação quanto à ocorrência das relações humanas. Tais transformações, entretanto, não poderiam ocorrer de maneira isolada. Voltando um pouco na história, concomitantemente à falência do mundo moderno, observamos que a

comunidade internacional passou por profunda revolução nas relações comerciais. O século XX, marcado pelo protecionismo econômico, viu sua ordem mundial enfrentar sua queda na década de 1980. O ideal pregado pelo neoliberalismo – o resgate dos valores liberais na economia, com ênfase no *laissez-faire* – trouxe a liberalização das faculdades empreendedoras individuais. Com o decaimento dos obstáculos oriundos da época, permitiu-se a implementação do processo de integração dos diferentes mercados, fortalecendo a doutrina neoliberal. Os governos, procuraram construir estrutura econômica interna capaz de converter qualquer atividade humana em atividade de potencial econômico.

Dessa maneira, para maximizar o lucro, as relações passaram ocorrer em maior volume, tornando a instantaneidade essencial. Visto que o bem-estar social seria maximizado proporcionalmente ao aumento do número das transações mercantis, buscou-se crescimento no alcance e frequência das transações. Mas, estando o ser humano limitado a aspectos físicos, um novo espaço geográfico que facultasse o amplo e instantâneo acesso e compartilhamento de conteúdo foi criado. O ciberespaço, onde as mensagens se interconectam mundialmente, “tende a reconstruir em escala mais ampla o plano, o continuum indivis, o caldo vivo e flutuante que unia os signos e os corpos, como os signos entre si, antes que a mídia isolasse e fixasse as imagens” (LÉVY, 2015: 52).

Neste período, também foram elaboradas tecnologias que possibilitaram a coleta global de dados, viabilizando estudo detalhado das agitações sociais. Passado certo tempo, com a adesão de diversos países ao neoliberalismo e o desenvolvimento da capacidade de informar e conhecer, o processo industrial passou a ser pautado no conhecimento. Em pouco tempo, a rede digital não só foi inundada com conhecimento, mas também com informações pessoais e jornalísticas – oriundas da comunicação dos usuários da rede. Os limites para compartilhar o saber, foram removidos pela rede virtual. Já o conhecimento do mercado sobre a vida dos indivíduos, em seus mais variados elementos, otimizado.

2.2.1. A Busca pela Informação.

Assim, tendo em vista a produção industrial pautada no conhecimento, os indivíduos passam a buscá-lo na medida em que o sistema demanda. O valor da informação sofreu profundo aumento, tornando-se alvo da cultura consumista construída. Se em tempos anteriores o consumo era semicoletivo, a partir do ano de 1980, no Estados Unidos, justamente durante a presidência de Ronald Reagan, introdutor do neoliberalismo na América, o consumo passa a ser cada vez mais individualizado, tendência absorvida por outros países. O sujeito, passa a ter um computador, celular ou tablet pessoal, resultando na emissão de dados cada vez mais específica. Ao mesmo tempo, a cultura de compartilhamento, muito estimulada por diversos provedores de conteúdo, fez aumentar o nível de dados pessoais e

sensíveis presentes na rede, preenchendo-a com informações que permitam profunda identificação do usuário.

Na posse do produto dessa comunicação, as companhias puderam dar prosseguimento à busca de maior aproximação com os consumidores: através dos dados armazenados, companhias coletoras compreendem o comportamento dos habitantes do novo espaço, promovendo-se o desenvolvimento de estratégias de marketing mais precisas quanto ao direcionamento do conteúdo das propagandas. Em meio ao sentimento de instabilidade pessoal, a coleta de dados também possibilita o mapeamento da busca do indivíduo por uma personalidade. Não se faz mais necessário, portanto, apresentar informações sobre o produto, visto que o hiperconsumismo e o maior conhecimento sobre os consumidores tornaram obsoleto o trabalho de convencimento do consumidor.

Não obstante, dada a exarcebada necessidade dos usuários por informação, companhias que ofertam serviço informativo passam a estimular o consumidor a criar um perfil digital próprio, afim de direcionarem informações que se adequem ao interesse do usuário: na era informacional, a informação não mais é buscada com frequência pela pessoa, mas, na grande maioria dos casos, levada até ela, consolidando inversão de costume. Devido ao amplo alcance que a comunicação apresenta nos dias de hoje, a transmissão da informação assume inesperada abrangência, pois as relações na era da informação caracterizam-se pelo extremo dinamismo. Uma mensagem recebida por aplicativo de comunicação, pode ser compartilhada e recebida por número imprevisível de pessoas, tornando não apenas quase impossível conhecer a origem da informação, mas também cada vez mais turva a distinção entre autor e disseminador da informação.

2.2.2. A Necessidade por uma Realidade Fixa.

Infelizmente, se garantir a transparência e ética da fonte da informação deveria receber maior foco do indivíduo comum, em virtude do aspecto imaterial da comunicação digital, o ser humano depara-se com um problema que o assombra desde seu surgimento: a necessidade por narrativas que expliquem sua existência no espaço-tempo. Uma vez temeroso quanto às recessões e crises sociais espalhadas pelo globo, ele é dominado por suas emoções, presando-as em detrimento dos fatos objetivos – efeito esse denominado pós-verdade. Utilizando-se desta fraqueza, surgem aqueles que se aproveitam da escassez de uma realidade fixa, para inventarem narrativas que forneçam ao leitor um espaço no qual ele possa sentir ilusiva estabilidade. Por conseguir escapar, através da ilusão construída, da realidade em contante movimento, tendo essa sido evidenciada pela liquefação das relações, o indivíduo sofre processo de “infantilização emocional”, visto que a incompleta aplicação do

método cognitivo impede o desenvolvimento de senso crítico: sendo a informação trazida aos indivíduos, a atividade de checagem e análise crítica dos fatos decaiu.

Mesmo assim, a comunidade digital procura denunciar falsas notícias que circulam pela rede, demonstrando a existência de consciência acerca do problema. Todavia, apesar do grande esforço global em checar fatos, o número de consciências que perdem espaço à incerteza e às narrativas inventadas aumenta cada vez mais, criando relação inversamente proporcional entre disseminação e combate à indústria da desinformação. Perdendo a capacidade de localizar-se no espaço-tempo, o sujeito tem seu raciocínio afetado pelo medo, passando a atribuir maior valor aos próprios sentimentos do que aos fatos concretos. O desgaste mental e, conseqüentemente, físico, passa a fazer-se presente no cotidiano da vida comum: ao menos em seu curto período de existência, o que marca nosso século não são doenças bacteriológicas ou muros, apesar dos problemas globais acerca da saúde das pessoas e resquícios da intolerância do século XX. Dada a exacerbada competitividade estimulada na vida dos indivíduos, estes encontram-se esgotados.

Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. (HAN, 2015:7)

Logicamente, com a procura do “mundo livre” pelo fim das barreiras, um sujeito imunológico não poderia subsistir. No mundo globalizado, o diferente não pode ser tido como algo negativo, sendo inaceitável uma violenta reação imunológica. “O estranho cede lugar ao exótico. O *tourist* viaja para visitá-lo. O sujeito ou o consumidor já não é mais um *sujeito imunológico*.” (HAN, 2015:11). Por isso, uma vez que tudo é exótico e aceito, mas, ao mesmo tempo motivo de competição, não se reflete sobre nada, visto que a mente humana deve exercer diversas tarefas ao mesmo tempo. No entanto, não podendo recusar coisa alguma senão a própria recusa, vive-se um totalitarismo do igual, que causa as enfermidades mentais que assolam o século: dessa vez, não é a repulsa ao diferente que gera a violência, mas sim o exagero de positividade. Vivemos em uma sociedade que não é feliz, mas excessivamente positiva e distraída. “Quem vive do igual, também perece pelo igual” (BAUDRILLARD apud HAN, 2015:15), pois a violência da positividade não necessita de polarização geradora de reações negativas para se desenvolver, bastando que haja uma sociedade “permissiva e pacificada. Por isso ela é mais invisível que uma violência viral.” (HAN, 2015:19).

2.3. O Negativismo Atual.

Mas, se o mundo deveria ser positivo, atualmente as diferenças sofrem com crescente número de barreiras, resultado da falta de apoio do indivíduo à globalização. Já que na atualidade as pessoas não vivem de acordo com suas próprias escolhas, a conquista da liberdade provou-se promessa vazia do mundo livre (que se aproveitou dela para emergir nos diferentes países). Para o mesmo indivíduo, a abertura das fronteiras ao mundo trouxe instabilidade. Com a exploração das rápidas mudanças sociais, os afetados são dirigidos para o objetivo planejado, maligno à saúde mental da coletividade. As escolhas e vontades dos indivíduos, sofrem cooptação do sistema econômico. Pela necessidade de sempre produzir, os indivíduos esgotam suas forças: não há tempo para ficar parado.

Enquanto o mundo livre é enfraquecido por conta da insegurança dos indivíduos, o nacionalismo, marca da época imunológica, encontra-se em processo de fortalecimento e disseminação. O sujeito que percebe seus socialmente forjados privilégios, torna-se nacionalista, promovendo tais invenções, como demonstram as manifestações de grupos supremacistas nos Estados Unidos da América. Com a exaustão dos indivíduos, discursos totalitários ganham força, visto que os indivíduos não refletem que as antigas ideologias, agora fortalecidas, não passam de mentiras. Em diversos casos, influenciando o entendimento humano com falsas informações, busca-se a criação de ilusão que revigore tais ideologias. Criar uma realidade para uma mente desorientada, ou em formação, como a de um hipossuficiente, permite ao criador modelar e controlar não apenas sua formação social, mas a forma como se relaciona com o ambiente. Com o refinamento das técnicas publicitárias, os disseminadores de notícias falsas podem, agora, desenvolver e espalhar inventados acontecimentos e outras falsas informações para o público, de maneira que a mentira se adeque perfeitamente aos interesses ou medos dos indivíduos.

O escândalo da *Cambridge Analytica*, foi a polêmica que evidenciou essa realidade. Ao coletar dados do usuário de certa rede social, a *Cambridge Analytica* vendeu-os às campanhas eleitorais, em meio às eleições norte-americanas, que se utilizaram dos dados para promoverem os candidatos. Realizando propaganda de si mesmo, o candidato disse o que o povo estadunidense gostaria de ouvir, e não suas reais convicções e planos, espalhando, assim, falsas informações para os eleitores, manipulados pelas mentiras construídas. A princípio, se analisada por meio de ótica superficial, a questão não parece ser grave. Mas, quando examinada com maior profundidade, a realidade nos revela que o potencial manipulador da mídia foi desenvolvido de tal maneira que foi atingido nível de manipulação observado, até então, apenas em obras como “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley e “Matrix”, de autoria das irmãs Wachowski.

2.3.1. Os Manipuladores dos Povos.

Abriu-se, portanto, corrida para uma nova forma de utilizar os dados. Não há mais a barreira ética que antes existia, pois, as companhias criadas para coletar dados são responsáveis por fornecer informações àqueles que desejam manipular as pessoas. Em razão da exaustão e instabilidade sentida, ocorre o enfrentamento ao mundo livre, na tentativa de reverter a excessiva cooptação. Repetindo-se a história, surgem aqueles que, observando a fragilidade humana, se auto-pronunciam salvadores dos “bons costumes”, afim de promoverem seus acobertados interesses pessoais.

Suas palavras devem ser acatadas como supremas, sendo toda oposição a seus interesses “fake news”. “Colocar a palavra humana como algo absoluto, como um falso imperativo, é a tendência imanente do rádio. A recomendação transforma-se em um comando” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006: 132). Quando a realidade se opõe ao posicionamento do “salvador”, ela não pode existir. Recorrendo ao absurdo, com ajuda de seus apoiadores, procura modelar a realidade de acordo com seus interesses particulares, aderidos por aqueles que sucumbem à manipulação. Procurando aproveitar o efeito da pós-verdade, comunica-se de forma sensacionalista com seus ouvintes, buscando inflar o conflito existente no interior deles.

Quando inseguros e sem alguma perspectiva, os seres humanos recorrem a qualquer meio que confira sentimento de estabilidade. “Os consumidores se esforçam por medo de perder alguma coisa. O quê – não está claro, de qualquer modo só tem chance quem não se excluiu” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006: 133). Tendo em vista a inexistência de confiança nas instituições, o manipulador se posiciona como única solução, afinal, no mundo das máscaras, nada mais lógico do que os manipuladores se mascararem de heróis. As ferramentas tecnológicas de comunicação desenvolvidas para o mundo livre, ajudam a tecer esse disfarce, tendo em vista que, no tempo em que a comunicação é extremamente precisa e o íntimo dos indivíduos mapeado por companhias coletoras de dados, dizer o que os sujeitos desejam ouvir ficou extremamente fácil.

2.3.2. Uma Narrativa Negativa.

Apesar de grave, tal contratempo, como dito anteriormente, não é novo à espécie humana. Desde que existe, o Homo Sapiens apresenta a capacidade de elaborar narrativas que permitam à espécie encontrar pertencimento no mundo. Durante quase toda nossa existência, várias narrativas resultaram da incompletude de entendimento acerca do mundo. Se nossos antepassados não entendiam o fenômeno da chuva, logo realizavam algum sacrifício ou “dança da chuva”. O fato, é que nossa espécie baseou seu desenvolvimento em várias narrativas inventadas pela mente humana, que, por conta de anos de trabalho

científico, foram refutadas e desconstruídas ao longo do desenvolvimento racional da espécie. Quando elabora uma notícia falsa, o ser humano está inventando uma narrativa que o permita controlar seu semelhante, com o propósito de promover interesses políticos e econômicos. Na recente eleição presidencial brasileira, notícias falsas foram elaboradas para que candidatos apoiados pelos narradores fossem promovidos como única fonte de esperança ao Brasil. A ideia de erguer uma nação unificada e poderosa inundou a rede com conflitos ideológicos.

A realidade, é que o atual movimento nacionalista, utilizado como meio de programar o futuro de uma nação com base na presunção de origem e valores comuns, é uma narrativa inventada que, infelizmente, ainda não foi refutada no âmbito social. A construção de um pensamento nacional, se dá por meio de propagandas direcionadas à mente humana, que exaltam valores supostamente genuínos daquela população, manipulando o entendimento dos indivíduos para que qualquer diferença seja vista como uma ameaça aos assuntos nacionais. Assim como na Alemanha nazista, muitas crianças e adolescentes que se desenvolvem nesse ambiente, formam entendimento de mundo, não apenas egoísta, mas restrito aos interesses do Estado-Nação, não havendo espaço para o desenvolvimento de personalidade diferente da desejada por este: um indivíduo infectado pelas mentiras disseminadas, está sujeito aos comandos dos narradores. Aprisionado pela mentira, não pode se desenvolver no caminho da emancipação pessoal.

Enquanto na pós-modernidade, apesar das máscaras, existe a diversidade quanto às personalidades, na modernidade o diferente não pode existir. Não por coincidência, o século XX, época imunológica, foi marcado pela recusa e agressividade à diferença. Grande número de hipossuficientes submetidos a um ambiente cuja regra era a intolerância, tornaram-se intransigentes, além de racionalmente limitados, vez que o pensamento crítico não era autônomo. Se o diferente não deve ser aceito, mas o “normal” tido como correto, o surgimento de pensamentos supremacistas torna-se questão de tempo. Na busca por sobrevivência, quando possível,

“(...) o sujeito Ulisses renega a própria identidade que o transforma em sujeito e preserva a vida por uma imitação mimética do amorfo. Ele se denomina Ninguém porque Polifemo não é um eu e a confusão do nome e da coisa impede ao bárbaro logrado escapar à armadilha: seu grito, na medida em que é um grito por vingança, permanece magicamente ligado ao nome daquele de quem quer se vingar, e esse nome condena o grito à impotência”. (ADORNO e HORKHEIMER, 2006: 63).

Em pouco tempo, o ambiente, completamente tóxico às diferenças, torna-se berço fascista: o futuro planejado, por não poder apresentar variadas possibilidades e existência, torna-se maciço e monocromático. Os detentores de uma identidade, devem sacrificá-la quando em desacordo com as exigências dos intolerantes. Mesmo na condição de desestabilizadora, a instantaneidade pós-moderna revela-se superior a ojeriza do nacionalismo. Apesar de dificultar a formação personalidade própria, a pós-modernidade garante, ao menos, ambiente tolerante às diferenças. O hipossuficiente pós-moderno, pelo menos até o atual momento, ainda pode ter contato com diferenças, expandindo seu entendimento acerca de realidade e dificultando possíveis manipulações.

Porém, na tentativa de reavivar o nacionalismo através de mensagens direcionadas que exaltam a “identidade nacional”, o mundo imunologicamente organizado, que retoma sua forma, propaga-se na disseminação de notícias falsas – como sempre ocorreu ao longo da história (a exemplo do Plano Cohen). Semelhante a grupos terroristas, os disseminadores, conseguindo aterrorizar a população, nada precisam fazer senão esperar, afinal, como na estratégia terrorista, sua ação consiste em dominar o outro com base no terror injetado no psicológico humano. Para tanto, procuram criar espetáculos sensacionalistas e enviá-los aos espectadores. Diferentemente daqueles que “optam por produzir um espetáculo teatral que, assim esperam, irá provocar o inimigo e fazê-lo exagerar na reação” (HARARI, 2018: 204), os propagadores de fake news não buscam provocar exagerada reação do inimigo, mas sim do aliado. Isso, pois, como no terrorismo, o dano é resultado da ação dos aterrorizados, que passam a se comportar de maneira agressiva, repelindo aquilo que é tomado como ameaça.

Os conflitos iniciados no meio digital, todavia, não se restringem a este. Hoje em dia, instáveis devido à época em que vivem, os os sujeitos não encontram o justo meio termo de sua conduta, exagerando-a. A reação tende a ser extremamente violenta, visto que eliminar o “outro” volta a ser o caminho seguido.

“Subjacente a todas as fake news existem fatos reais e sofrimentos reais. Na Ucrânia, por exemplo, soldados russos estão realmente combatendo, milhares já morreram de verdade e centenas de milhares já perderam seus lares. O sofrimento humano pode ser causado por crença na ficção, mas o sofrimento ainda é real.” (HARARI, 2018: 300).

A busca pelo controle, devido a instabilidade sentida, sofre processo de intensificação. Se os humanos sempre alteraram paisagens e batalharam entre si em prol de interesses pessoais, notícias falsas vem fomentando características primitivas da espécie. Permitir que um ser humano se desenvolva em ambiente como este, coloca em risco anos de processo civilizatório.

2.3.3 O Hipossuficiente Negativo

Para entendermos os efeitos da disseminação de fake news no desenvolvimento humano, portanto, podemos adotar perspectiva histórica. A indústria cultural desenvolvida na Alemanha Nazista, talvez seja o maior exemplo dos efeitos da notícia falsa, bem como da capacidade de serem aceitas como verdadeiras. O ser humano que se desenvolveu nesse ambiente sempre foi ignorante quanto à realidade, criando ou aderindo a inimigos. O holocausto, foi promovido na medida em que os “arianos” acreditavam não só em sua “superioridade”, como também na culpabilização dos judeus pelo mal que enfrentava a Alemanha – os discursos de Hitler eram a lei da época. Seu entendimento de mundo era baseado na ilusão.

“As ditaduras nazista e soviética não só fabricaram falsidades tremendas como também foram capazes de construir outra realidade, em que o verdadeiro e o falso eram elementos acessórios. Como apontou o escritor francês Emmanuel Carrère, ‘na URSS não se aboliu a propriedade privada, aboliu-se a realidade’ ” (ALTARES, 2018: 4).

As crianças e adolescentes submetidos aos efeitos das notícias falsas, estão sujeitos ao controle mental experimentado por vários adultos. Se a análise crítica das informações é necessária para a construção entendimento racional, a partir da narrativa criada, o pensamento crítico do infante sofre manipulação que inviabiliza a construção de entendimento racional próprio. Dada a manipulação mental realizada através das narrativas tendenciosas, os infantes correm risco de desenvolverem-se em ambiente em que até sua liberdade de pensar seja ainda mais ameaçada. Com a grande exposição dos infantes ao mundo virtual, em uma comunidade global cada vez mais conectada, a realidade virtual passa a tomar cada vez mais espaço no entendimento deles, em detrimento do mundo real. No ambiente virtual, todavia, encontram universo de opiniões e formas de expressão individual que não se limitam a seu círculo social e às relações presenciais. Deve se ter em mente que, tudo o que é experimentado pelo indivíduo é assimilado como informação, seja o comportamento da pessoa ou uma notícia. Portanto, quando notícias falsas são postas na rede, os hipossuficientes passam a se desenvolver com base em mentiras, isto é, na inexistência de elemento útil ao seu entendimento.

Além disso, devido a atual ruptura causada nas relações, a crescente separação entre “nós” e “eles” retorna como ameaça à harmonia social. Não sendo aceitas opiniões diversas, sobre as quais aplica-se análise emocional sobre seu conteúdo, aumenta-se a intolerância social. Uma das mensagens subtraídas pela mente do hipossuficiente, a mesma da obtida por crianças do século XX, é a de que o “outro” deve ser expulso ou exterminado. Assim, aos

poucos o mundo imaginado por Aldous Huxley toma forma. Porém, ao invés de injetar *soma*, a mente humana passa a ser controlada por meio de notícias falsas, que acarretam a construção de entendimento mentiroso de mundo, tornando os indivíduos, que se desenvolvam nesse contexto, facilmente manipuláveis.

2.4. Responsabilização do Usuário.

Na busca por uma rápida solução ao problema, diversos indivíduos prontamente sugerem a criminalização das notícias falsas. A criação de narrativas que simulem uma realidade afim de desinformar e manipular o sujeito é, de fato, conduta inaceitável. Todavia, a simples criminalização não solucionará a questão. O atual problema das fake news, também deve ser tratado como problema educacional e de saúde pública. Sendo o homem o criador de muitas narrativas restritas à sua ignorância, a promoção do desenvolvimento humano com base na análise crítica das narrativas proporciona correção ou desconstrução de várias delas. No que diz respeito às notícias falsas, são a droga da mente humana no mundo virtual, visto que acreditar apenas naquilo que lhe agrada, proporciona ao indivíduo fuga da realidade. Torna-se importante, desenvolver ferramentas que permitam distinguir os manipuladores dos manipulados, pois, na atual conjectura, condenar os que manipulam implicaria em também condenar os que sofrem manipulação. Afinal, não se pode dizer que todos indivíduos que acreditam e propagam notícias falsas o fazem de má-fé – na realidade, com o dinamismo das relações virtuais, torna-se quase impossível distinguir o narrador do público. Vários usuários que acreditam em notícias falsas, são resultado não só da exaustão e da instabilidade a qual estão submetidos, mas da busca de vários outros sujeitos que, valendo-se da elaboração de manipuladoras narrativas, cobiçam a consecução exclusiva de seus interesses particulares.

Nesse cenário, afim de preparar a mente humana para a realidade simulada, legislação que promova a educação digital mostra-se à altura do desafio. Com inovações tecnológicas sendo elaboradas em ritmo quase instantâneo, a cooperação intergeracional demonstra-se fundamental. Se formar hipossuficientes conscientes e e prepará-los para situações futuras já era fundamental, hoje em dia tornou-se matéria de sobrevivência da consciência e pensamento crítico deles. Um ser humano que se desenvolva em meio a uma epidemia de notícias falsas, poderá agir de maneira inconsequente, auxiliando na construção de cultura cada vez mais ilusória e violenta, já que não há meio mais eficiente de se manter uma mentira do que o medo. Entretanto, os frutos serão colhidos pelas próprias futuras gerações, controladas pela ilusão criada e injetada em suas mentes. Consequentemente, para resolver o problema é necessário fortalecer e resgatar a saúde da mente humana, apresentando-se o tratamento terapêutico e educacional como possível solução para o contratempo vivido.

“A tecnologia pode ajudá-lo muito, mas, se ela exercer demasiado poder em sua vida, você pode acabar como um refém. [...] A tecnologia não é uma coisa ruim. Se você souber o que deseja na vida, ela pode ajudá-lo a conseguir. Mas, se você não sabe, será muito fácil para a tecnologia moldar por você seus objetivos e assumir o controle de sua vida.” (HARARI, 2018: 328).

Afinal, não existem fórmulas mágicas ao problema, pois a rede é mundial e acessada por indivíduos: ela não se comporta de maneira autônoma. Tudo o que é praticado na realidade material, é transferido à realidade virtual. Exemplo disso, o YouTube abriu as portas para que a vida particular fosse observada por bilhões de conectados. Opiniões consideradas extremistas por uns, mas verdades máximas por outros, entram em conflito, dada a tensão resultante da contraposição de ambos os posicionamentos. Tolerância e compreensão, viram sua importância aumentar exponencialmente. Se a educação deve ser voltada para a formação e aprimoramento do entendimento humano, visto que a forma como o ser humano entende o mundo determina a maneira como se relaciona com ele, fortalecer o pensamento crítico das crianças e adolescentes, expondo-os à realidade, promove autonomia pessoal, permitindo que façam uso de seu entendimento e esclareçam-se sobre vários fatos.

Outro importante ponto, o fato de que a rede mundial de computadores foi elaborada afim de possibilitar a comunicação de partes que se encontram em diferentes regiões, implica no contato instantâneo com opiniões e problemas existentes ao redor do globo, e na impossibilidade da existência de fronteiras. A elaboração de lei nacional que vise solucionar o problema comportamental dentro da esfera digital, não pode ter efeito esperado. Nacionalizar tal ambiente, pavimenta o caminho para uma ditadura digital, como existente por tanto tempo na China. O virtual, espaço alérgico às fronteiras, é utilizado por seres humanos, que se encontram no mundo real. Apenas uma medida que trabalhe diretamente com o mundo físico pode promover uma futura solução, visto que aquele que não adentrar o mundo digital correrá risco – crescente na medida em que a vida digitalizada conquista maior espaço nas esferas sociais – de ser excluído das relações interpessoais, transferidas do mundo real para o simulado. Na verdade, existir na realidade já não tem a mesma importância de antigamente. Se você não possuir muitos sujeitos adicionados ao seu perfil pessoal, não merece a atenção social, pois não tem status suficiente para isso. Até mesmo o conceito de “amizade” sofreu alteração: amigo não é mais aquele por quem se desenvolve relação de personalidade, mas sim aquele que aceita uma fria solicitação de amizade.

No que tange à formação de grupos sociais, dando-se a inserção social do hipossuficiente de acordo com os valores que venha a defender, quando encontra grupo com

ideologias semelhantes ou idênticas as suas, o indivíduo encontra “pertencimento” em certo espaço sociedade. Todavia, não encontrando um grupo, o sujeito é excluído das relações interpessoais. Para evitar a exclusão, o indivíduo é capaz de sacrificar sua própria constituição interna, afim de sobreviver ao meio. Por isso, em contexto como o vivido por diferentes sociedades ao redor do mundo, as notícias falsas, sendo promotoras da irracionalidade, estimulam a construção de ambiente em que aquele que faz uso de sua razão pode não encontrar pertencimento, o que pode resultar na sucumbência à alienação e intolerância – indo na contramão do processo de desenvolvimento racional da espécie.

2.5. A Vida Não Examinada.

Afinal, a criança e o adolescente do século XXI, desenvolvem-se de forma a exteriorizarem por completo o processo de esclarecimento. Pois, não buscando a informação, tornam-se meros receptores de conteúdos variados. Tornando-se meros receptores, não realizam análise crítica acerca do que se recebe, condição reforçada pela exaustão da mente humana. Aos poucos, deixam de examinar questões fundamentais sobre sua personalidade e sobre o mundo exterior. Equivale a dizer, que deixam de fazer uso do próprio entendimento, retornando à espécie humana, na medida em que abandona o exame crítico, para o estado de menoridade. Progressivamente, o controle sobre a individualidade que fora atribuído a cada indivíduo com a falência da modernidade sólida, apesar da sempre existente limitação da liberdade individual ao poder aquisitivo, é transferido às companhias e Estados, visto que o poder de escolha do sujeito é condicionado pela oferta de produtos elaborados com base na análise de dados pessoais e sensíveis.

“A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a Natureza de há muito os liberou de uma direção alheia [A482] (naturaliter maiorennen), continuam no entanto de bom grado tutelados durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em seus tutores. É tão cômodo ser imaturo. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um pastor que tem consciência por mim, um médico que decide a respeito de minha dieta etc., então não preciso nem tentar. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar do trabalho cansativo.” (KANT, 2012: 1).

Assim sendo, se a modernidade líquida evidenciou a fluidez da realidade, também destruiu a delusão que era a busca pela vida fixa. Dada a incessante procura do ser humano, por narrativas que expliquem sua importância na natureza, fez-se necessário aprender a

conviver com o fato de que a natureza, em si, jamais será fixa. Todavia, visto que o sentimento de instabilidade, resultante da quebra da narrativa, ocasionou a priorização dos sentimentos em detrimento dos fatos objetivos, novas narrativas que reavivassem a delusão foram elaboradas. Os hipossuficientes que crescem nesse ambiente, tendo em mente sua natural dependência dos equipamentos tecnológicos, tornam-se extremamente vulneráveis às paranóias, escolhas e ações promovidas por terceiros, acarretando a neutralização de sua existência: tendo em vista o não uso do pensamento crítico, o sujeito alienado não age de maneira finalística.

“A maior parte da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maturidade difícil e além do mais perigosa, porque guardiões, voluntariamente, tomaram a seu cargo a sua supervisão. Depois de terem, primeiramente, estupificado seu gado doméstico e terem certeza de que essas plácidas criaturas não ousariam dar um passo sem o andador em que as puseram, mostram-lhes o perigo que as ameaça se experimentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. Basta um exemplo deste tipo para intimidar os homens e atemorizá-los quanto a outras tentativas.”
(KANT, 2012: 1).

Desta feita, os efeitos das notícias falsas sobre o pensamento crítico infantil levam, fatalmente, à redução dos infantes em zumbis existenciais, úteis quanto à subsistência da narrativa criada. Chocantemente, o alerta feito por Huxley apresenta-se como o atual contexto. A tecnologia, em meio a culto à intolerância, é usada na busca de progresso, que se traduz na construção de uma nova ordem de controle repressiva. Afinal de contas, não poderia haver outro objetivo para tais mentiras do que promover interesses econômicos e políticos que forneçam controle social. Se o indivíduo vive no Matrix, jamais saberá disso, a menos que abstraia a própria consciência da narrativa, abdicando da delusão: a assunção de uma realidade única e fixa, é justamente a condição que permite ao contador de mentiras manipular a forma de agir do sujeito, vez que o entendimento de mundo será aquele desejado pelo manipulador.

Dessa maneira, no que diz respeito ao problema da má relação entre indivíduo e digital, incluir disciplinas no plano educacional de todas as escolas do país, que promovam o desenvolvimento do entendimento jovial acerca do ciberespaço, bem como a análise crítica dos conteúdos recebidos, permitiria a necessária vacinação contra diversos problemas digitais. Um ser humano que não saiba distinguir o mundo real do virtual, não pode apresentar

entendimento científico de mundo. Pois, sendo a tecnologia ferramenta que possibilita ao ser humano estender suas capacidades, não será esse mecanismo que solucionará, por si, os problemas humanos. Ser pragmático: talvez nunca tenha sido tão importante quanto nos tempos atuais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Finalmente, concluímos que o problema criado pelas notícias falsas não é novo. Na verdade, trata-se de contratempo inerente a ignorância humana. Porquanto não detém todo saber acerca do universo que o circunscribe, mas apresenta consciência de sua existência, procura explicar sua finalidade por meio de narrativas. Presumivelmente, devido à natural ignorância, muitas narrativas limitam-se a explicar causas e consequências de maneira limitada. Mas, com a elaboração do método científico – além de duros anos de luta por sua aderência – a humanidade pôde reconhecer a limitação racional, o que a permitiu desconstruir diversas falsidades inventadas durante períodos mais ignorantes. No decorrer do tempo, identificando-se a necessidade de potencializar o alcance da informação e de conteúdos diversos, também foi ampliada a capacidade comunicativa, por intermédio da Terceira Revolução Industrial.

Entretanto, devido à fluidificação das relações, o indivíduo comum deparou-se com a realidade: a existência não se dá de maneira linear. Por isso, em detrimento da natural impossibilidade de viver uma vida estática e previsível, surge instabilidade vivida por diferentes sociedades. A exaustão mental acarretada, tornou os indivíduos cada vez mais fragilizados, visto o esgotamento destes. No entanto, ao invés de enfrentar o problema de maneira racional, vários indivíduos deram início à caça de subterfúgio mental: mais fácil é viver em delusão do que racionalmente compreender o mundo. Aproveitando-se da demanda alheia por delusões, surgem aqueles que ofertam falsas narrativas. Utilizando-se da atual excessiva dependência individual de meios tecnológicos, o manipulador pode disseminar notícias falsas que promovam a construção de falso entendimento de mundo.

No que diz respeito ao desenvolvimento infantil, os efeitos da notícia falsa alcançam a própria essência racional do ser humano. Ora, se o homo sapiens distingue-se das demais espécies por seu potencial cognitivo, descartá-lo equivale a abdicar de sua própria autonomia existencial: inevitavelmente torna-se alienado aquele que renúncia à sua própria natureza. Em pouco tempo, o contexto de diversas obras ficcionais torna-se realidade: uma sociedade opressiva e alienada, que vive em função da vontade de terceiros. A importância que se dava a uma vida examinada, decai com o tempo, fortalecendo a alienação. Permitir que os efeitos da notícia falsa prosperem na sociedade, gera afronta direta à proteção integral e ao dever social de assegurarmos à educação e liberdade às crianças e adolescentes. Tratar a

problemática como crime, porém, não trará a efetivação dos direitos da criança e do adolescente. Apenas punir o narrador, não beneficia o infante, na medida em que este não é alvo de programa social que o eduque e, conseqüentemente, o prepare para a realidade.

Afinal, o jovem de hoje não conhece outra realidade senão àquela originada na instável pós-modernidade, que conseqüentemente se torna sua base quanto à construção de entendimento próprio. A educação digital, não obstante, demonstra-se fundamental ao combate dos demonstrados efeitos das notícias falsas, que comprometem a capacidade de autodeterminação dos infantes. Neste sentido, é fundamental promover o empoderamento infantil por meio de processo informacional, pois este possibilita ao infante construir e exercer escolhas próprias, tornando-o mais ativo em sua vida privada e pública. A educação digital, tem o condão de afastar a alienação provocada pelas notícias falsas, permitindo ao jovem desenvolver autogovernança e realizar escolhas próprias.

4. REFERÊNCIAS.

ADORNO, Theodor W. ; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1985.

ALTARES, Guillermo. **A longa história das notícias falsas**. El País. Madri. 18 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html. Acesso em: 20 out. 2018.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução e notas adicionais António de Castro Caeiro. Vol. 1. Ed. 1. São Paulo. Editora Atlas, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Vol. 1. Ed 1. São Paulo. Editora Zahar 2001.

BRASIL, Lei orgânica, nº 8.069. Ementa: **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Publicado 13 de julho de 1990. Acesso: 17 de março de 2018.

BRASIL, Lei ordinária, nº 12.965. Ementa: **Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil**. Publicado 24 de abril de 2014. Acesso: 28 de outubro de 2017. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Ed. 2. Petrópolis. Editora Vozes, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **21 Lições para o Século 21**. Vol. 1. Ed. 1. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Lino Vallandro Vidal Serrano. Ed. 22. São Paulo. Biblioteca Azul, 2014.

KANT, Immanuel. **Resposta à Questão: O que é Esclarecimento?** Tradução de Márcio Pugliesi. Cognitio, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 145-154, jan./jun. 2012. Acesso: 17 de janeiro de 2019. In: <https://revistas.pucsp.br/cognitiofilosofia/article/download/11661/8392>

LÉVY, Pierre. **Inteligência Coletiva**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo. Coleção Folha Grandes Nomes do Pensamento. Vol. 16. Folha de São Paulo, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **Sedução, publicidade e pós-modernidade**. Nº 12. Porto Alegre. In: Revista FAMECOS 2000, p. 7 a 13.

MATRIX. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures ; Roadshow Entertainment, 1999. DVD's.

Contatos:

eduardomedeirossampaio@hotmail.com e anaclaudia.andreucci@mackenzie.br